

Um dos clássicos da nossa literatura e a primeira obra de José Lins do Rego, publicada em 1932, *Menino de engenho* é um romance memorialístico regionalista custeado pelo autor e aclamado pela crítica por retratar a decadência da cultura canavieira no Nordeste brasileiro. Essa obra inaugura o que o autor mais tarde denominaria de "ciclo da cana-de-açúcar", que inclui os livros *Menino de engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *O Moleque Ricardo* (1935) e *Usina* (1936), bem como apresenta fortes traços autobiográficos. A obra relata a vida no Engenho Santa Rosa, com suas desigualdades e a permanência de traços da escravidão. Com uns quatro anos de idade, Carlinhos vê sua mãe estendida no chão e "o pai caído em cima dela como um louco". Órfão de mãe e separado do pai, que será internado num hospício, o menino é conduzido ao engenho do avô. O Engenho Santa Rosa, situado na zona canavieira à margem do Paraíba, é uma espécie de mundo novo que contrasta com a cidade. Lá, a vida, as amizades da infância, o contato direto com a natureza, a precoce iniciação sexual e a convivência com personagens que moram e trabalham na casa-grande e na antiga senzala são evocados por um narrador que conheceu profundamente um pedaço de um Brasil arcaico, cuja herança escravocrata ainda é latente. O lirismo é uma das principais características de *Menino de engenho*, que abrange a infância e a adolescência de Carlinhos, personagem central do livro. É uma narrativa cativante composta pelas aventuras e desventuras da meninice de Carlos. A trama revela a grandeza literária de seu autor, que compõe, com minúcia e de forma magistral, as alegrias, inquietações e angústias do menino diante de sensações e situações por ele vivenciadas pela primeira vez. O livro comprova, sem sombra de dúvidas, o talento monumental de um escritor, cuja obra nortearia os rumos do moderno regionalismo brasileiro.



Rembrandt Harmenszoon van Rijn (1606–1669) foi um pintor e gravurista holandês considerado um dos maiores nomes da história da arte europeia, o mais importante da história holandesa e o maior pintor de todos os tempos. Homenageando esse excepcional artista, o Centro Cultural Correios apresenta a exposição *O Mestre da Luz e da Sombra*. A mostra traz 69 gravuras de Rembrandt, originais e inéditas no Brasil, que demonstram toda a sua capacidade em captar sensações e retratar personagens heroicos, bíblicos ou pessoas humildes do povo. O artista incomparável usou a técnica água-forte na produção das gravuras, em que o desenho é feito sobre uma placa de cobre coberta de verniz, e depois um ácido corrosivo remove o produto e cria as linhas desejadas, em relevo. Com curadoria de Luca Baroni, entre as obras destacam-se *O Jogador de Cartas* (1641), *Autorretrato com Saskia* (1636) e *A Ressurreição de Lázaro* (1632).

Centro Cultural Correios. Rua Visconde de Itaboraí, 2, Centro. Ter. a sáb., 12h/19h. Grátis. Até 8 de novembro



O Jogador de Cartas (1641)

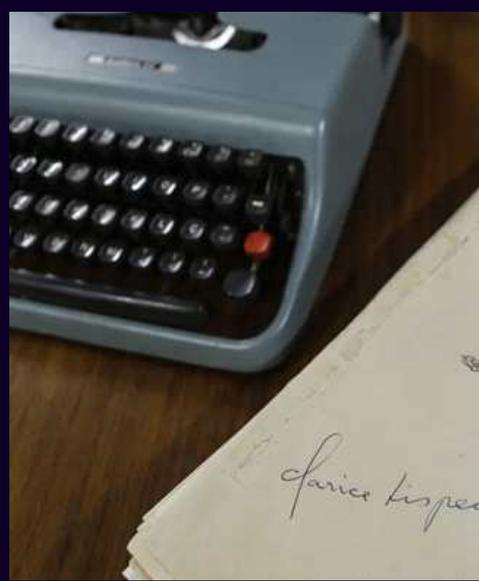
"A história dos negros na América é a história da América. E não é uma história bonita". Essa é uma das frases que aparecem nos primeiros minutos do documentário *Eu não sou seu negro*, dirigido pelo haitiano Raoul Peck. O roteiro é construído a partir do livro inédito e inconcluso do escritor estadunidense James Baldwin (1924 – 1987), batizado de *Remember This House* (1979). A obra traça a história racial conflituosa em território americano a partir dos assassinatos de três dos principais líderes negros da história: Medgar Evers, Malcolm X e Martin Luther King, todos "mortos com menos de 40 anos" em um intervalo de apenas cinco anos (Evers, em 1963; X, em 1965; King, em 1968). Além do livro, o diretor Raoul Peck se vale de cartas, trechos gravados de discursos e entrevistas de Baldwin para estruturar o longa-metragem, que, por isso, tem seu nome também assinando o roteiro, além de uma poderosa narração de suas palavras feita pelo ator Samuel L. Jackson. São 95 minutos que causam desconforto, dor e empatia pela população negada da América – aqueles que tornaram possível o "American way of life", sustentado pela mão de obra barata de negros e em solo encharcado com sangue indígena. O filme traz flashes da história americana, pautada pela escravidão, pelas leis segregacionistas, pela violência policial que dizima ainda hoje muitas vidas, ao passo que apresenta o revide negro, as marchas, os Panteras Negras e o recente movimento do Black Lives Matter. Todo esse contexto vai traçando a construção da imagem do negro feita a partir do olhar branco e da desvalorização da vida negra. "Antes precisavam da gente para colher algodão. Agora que não precisam mais, estão nos matando", dispara Baldwin (trecho da resenha de Juliana Gonçalves e Norma Odara, publicada no Brasil de Fato em 16/02/2017). Disponível no Prime Video.



Você sabia?

Você sabia que a Fundação Casa de Rui Barbosa possui um *Arquivo-Museu de Literatura Brasileira*? O Museu Casa de Rui Barbosa é considerado o primeiro museu-casa público do Brasil. A Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) tem sua origem no museu-biblioteca instituído em 1928 pelo presidente Washington Luís. Está instalada na residência em que viveu o político, jurista e escritor brasileiro Ruy Barbosa e sua família, de 1895 a 1923. Lá, está disponível o Centro de Memória e Informação (CMI) da Fundação Casa de Rui Barbosa, e um dos seus setores especializados é o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB), que abriga um extenso acervo de documentos e peças de autores da literatura brasileira, como José de Alencar, Cruz e Sousa, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade e Vinícius de Moraes. A instituição preserva não só os arquivos pessoais dos escritores, mas também uma vasta coleção de artes visuais e itens museológicos, sendo um importante centro de memória e informação literária no país. O AMLB possui um dos maiores acervos literários do Brasil, com documentos, manuscritos e outros materiais de mais de 150 escritores, além de aproximadamente duas mil peças de caráter museológico e uma importante coleção de artes visuais relacionada à literatura.

Museu Casa de Rui Barbosa. Rua São Clemente, 134 – Botafogo, Rio de Janeiro. Telefone: (21) 3289-8690 – AMLB; e-mail: amlb@rb.gov.br. Telefone: (21) 3289-4670 – FCRB. Site: www.casaruibarbosa.gov.br. De terça-feira a sexta-feira, das 10h às 17h30. Sábados, domingos e feriados, das 14h às 18h. Última entrada 30 minutos antes do fechamento.



A máquina de escrever e manuscritos de Clarice Lispector integram o acervo do museu.